

Tudo a rigor

JOÃO MELLÃO NETO

Conversando outro dia com um executivo, ouvi dele o seguinte: "Meu caro, daqui a um mês, todos aqui virão trabalhar de smoking." Ué, por quê? Acabou a crise? "Não, acabaram os ternos..." A amargura de meu interlocutor demonstra bem a situação que vivemos. Desta vez, ninguém escapou. E não se acuse o governo de tratar de forma diferente pobres e ricos. Estão todos morrendo: uns de fome, outros de raiva...

Pior do que a crise é o estupor que toma conta da Nação. Afinal, por que é que entramos neste atoleiro? Onde é que está a saída de emergência?

Uma visão histórica é preferível a uma histérica. Vasculhemos no passado recente os nossos erros, para que, através deles, possamos começar a vislumbrar os caminhos alternativos do futuro.

A famosa "década perdida" na verdade, tem apenas sete anos, mas estes, infelizmente, foram decisivos para a História do mundo. De 1980 até 1984, todas as nações, com a segunda alta de preços do petróleo e a política monetária ortodoxa de juros altos dos EUA, viveram uma profunda crise. O Brasil não foi exceção. Sofremos aqui, de 1981 a 1984, uma das piores recessões da nossa História. Ocorre que as demais nações aprenderam, e muito, com a crise. Nós, não. Ao contrário dos outros, terminada a fase de tempestade, não só persistimos como também avançamos consideravelmente no estoque de erros que um país se pode permitir.

Em 1984, a recessão já havia terminado no mundo e, por conta de uma série de guinadas econômicas, as nações passaram a viver um ciclo de desenvolvimento raras vezes visto. Era a nossa grande chance e a jogamos fora.

É que baixou um santo "heterodoxo" em nosso terreiro e aí começaram nossas vicissitudes.



A primeira foi o Plano Cruzado. Enquanto, magicamente, se garantia a inflação, via congelamento, como um cupim ele foi corroendo toda a estrutura de preços relativos do País, a ponto de ninguém mais saber o que valia quanto. Essa revogação temporária da "lei da gravidade" econômica fez com que, quando voltarmos à realidade, todos os objetos caíssem no chão de forma desordenada. Até hoje não nos recuperamos desse trauma, tanto que fomos necessários outros quatro congelamentos posteriores para impedir a hiperinflação.

A segunda foi a prorrogação da Lei da Informática. Se esta fazia algum sentido no início, sua manutenção, numa fase de aceleração da microeletrônica no mundo, só serviu para atrasar a economia nacional. A informática hoje é uma indústria básica, ela serve de alicerce para todas as outras indústrias. Como optamos pelo "o chip é nosso", espantamos capitais, sucateamos o nosso parque industrial e nos condenamos à estagnação econômica.

A terceira foi a moratória. Com ela só conseguimos alijar o Brasil do mercado internacional de créditos, deixando-nos de fora do clube do desenvolvimento integrado das nações.

A quarta foi a Constituinte, cujas consequências nacionalistas e corporativistas nefastas nos proporcionaram um total isolamento do mundo. Os capitais estrangeiros foram impedidos de entrar, os nacionais encontraram brechas para sair.

Completando todo esse circo de horrores, veio o Plano Collor, que tratou de confiscar todo o resto de poupança real que havia no País, o qual poderia alavancar o nosso desenvolvimento.

É desafogo demais para uma única economia. E agora chegamos ao estágio atual. Como sair dele? Procurando, penosamente, reverter todos os malefícios que esses acessos delirantes de voluntarismo econômico nos trouxeram. A missão é difícil. Até lá, só nos resta trabalhar de smoking...

□ **João Mellão Neto, jornalista, é deputado federal (PL-SP)**